



Um Olhar Sobre a Crônica de Luis Fernando Verissimo: A Construção do Discurso Humorístico¹

Luiz Rogério Camargo²

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira³

Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO

Um dos traços característicos das narrativas de Luis Fernando Verissimo é a comicidade. Utilizando-se de uma linguagem simples, descontraída e bem elaborada, seus textos tratam de assuntos do cotidiano, que comumente passam despercebidos aos olhos mais desatentos. Contudo, de forma alguma isso significa que os temas abordados são tratados de forma superficial. Seus textos exteriorizam conflitos políticos, culturais e ideológicos presentes no dia-a-dia. A partir desses conflitos, é que surgem as suas crônicas, e o que se busca nesta pesquisa é constatar, a partir de alguns textos, a utilização do humor, aspectos de sua construção e utilização como instrumento de crítica social neste gênero, e por meio da Análise de Discurso desvendar os meandros do texto e verificar como este produz sentido.

Crônica; Luis Fernando Verissimo; Humor; Crítica Social; Análise de Discurso.

Luis Fernando Verissimo é considerado um dos maiores cronistas da contemporaneidade. Além de contribuir diariamente com textos para jornais e revistas de todo o país, tem parte considerável de suas crônicas reunidas em forma de livros, que figuram na lista dos mais vendidos dos últimos tempos. É também romancista, contista, cartunista e músico, sendo na crônica que sua obra ganha mais destaque.

Um dos traços característicos de suas narrativas é a comicidade, apresentando em suas crônicas uma visão descontraída dos fatos do dia-a-dia. Contudo, de forma alguma isso significa que os temas abordados são tratados de forma superficial. Nas palavras de Paulo Cesar Konzen:

A comicidade está entre as características constantes em suas narrativas – nas mais inusitadas formas. A descontração em falar de qualquer tema, e uma visão sólida sobre os fatos, revelam análises inteligentes e precisas da vida cotidiana: a arte de Luis Fernando Verissimo reside, fundamentalmente, na capacidade de captar cenas,

¹ Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Graduando dos cursos de Jornalismo e Letras Português da UNICENTRO, email: lrcamargo.roger@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Letras da UNICENTRO, email: ninciaribasborgesteixeira.



muitas vezes insignificantes à primeira vista, e torná-las visíveis e risíveis, pelo emprego de recursos diversificados (KONZEN, 2002, p. 96)

Seus textos exteriorizam conflitos políticos, culturais e ideológicos presentes no dia-a-dia. E nesse contexto, suas crônicas abordam temas que envolvem toda a sociedade de uma época, como as disparidades sociais, os dramas do cotidiano, e até mesmo, a forma como se organiza. Utilizando-se de uma linguagem simples, descontraída e bem elaborada, seus textos tratam de assuntos do cotidiano, que comumente passam despercebidos aos olhos mais desatentos. O que se busca nesta pesquisa é constatar, justamente, a utilização do humor, aspectos de sua construção, e utilização como instrumento de crítica social neste gênero. Como o objetivo deste trabalho é tratar da crônica, em um primeiro momento serão expostos alguns aspectos deste bastante discutido gênero textual, em seguida, serão abordadas algumas questões sobre o humor, visto que, em Verissimo, essa é a característica mais marcante de toda a sua obra. Em um terceiro momento, será feita, à luz da Análise de Discurso (AD), a análise de um de seus textos, retirado do livro “*Comédias para se ler na escola*”, que reflete o enfoque deste artigo. Partindo do pressuposto de que Verissimo faz da comicidade um atrativo para despertar no leitor a atividade reflexiva e crítica dos fatos que o cercam, bem como o de atitudes e comportamentos sociais institucionalizados, procurar-se-á analisar como seu texto produz sentido, procurando nos meandros do texto o seu significado. Uma vez que para Orlandi, (2006) na análise de discurso, a linguagem não é transparente e interpretar não significa atribuir sentido, mas sim, expor-se à opacidade do texto explicitando como o objeto simbólico produz sentido, o que se procura nesse trabalho é perscrutar de que forma o sujeito pode atribuir significação ao texto e, portanto, encontrar nele sentido.

1. O olhar do cronista: Nuances da crônica

A crônica, palavra ligada ao termo *Chronos*, deus da mitologia grega que representa o tempo, surge, originalmente, com o papel de registrar os fatos do cotidiano. Nas cortes medievais o papel dos primeiros cronistas era o de fazer a compilação das diversas situações e fatos decorrentes do dia-a-dia, bem como os grandes feitos dos reis,



conquistas marítimas, atos de grandes personagens, etc., sempre procurando estabelecer uma ordem cronológica para aquilo que acontecia. Tais relatos visavam evitar que os acontecimentos fossem esquecidos completamente, não só pelas pessoas da época, mas também para que as gerações futuras viessem a ter conhecimento do que se passou. Eram as primeiras formas da crônica. Vale citar nomes, entre muitos, a título de exemplificação, como Fernão Lopes, Ruy Pina e Pero Vaz de Caminha, este último, autor do considerado primeiro documento histórico-literário do Brasil: a carta a el-rei D. Manuel, em que descreve suas primeiras impressões acerca do que presenciou ao pisar nas terras recém descobertas da jovem nação brasileira.

Diferentes moldes de narrativas, sobretudo a européia, foram de grande contribuição para o desenvolvimento da crônica, ente eles o ensaio inglês e o *folhetim* francês. No Brasil, pode-se dizer que a crônica resultou de uma espécie de fusão entre esses dois tipos de textos; do ensaio, absorve o caráter de tentativa, sem os excessos e formalismos acadêmicos na hora de tratar dos assuntos abordados; e do folhetim, a dimensão “ficcional” dos eventos e temas levantados nesta forma literária (KONZEN, 2002).

Dentro do jornalismo brasileiro, a crônica passou a ser cultivada por jornalistas- literatos que foram impingindo marcas muito próprias ao texto. Aí tem-se uma infinidade de exemplos, como José de Alencar, Machado de Assis, Nelson Rodrigues, Rubem Braga, entre tantos. Assim, o fato era narrado através da visão do cronista e, ao contrário da notícia jornalística, que deve primar pela imparcialidade ao tratar dos fatos, a crônica permite a manifestação da subjetividade de quem a escreve, muitas vezes adquirindo um caráter de bate papo com o leitor.

Pelo fato de a crônica surgir primeiro no jornal e para o jornal, muitas vezes acaba assumindo a mesma efemeridade das notícias que estampam as manchetes de maior destaque das bancas em um dia e nada mais são que papéis de embrulho em outro. Uma das formas de se preservar a crônica é sua reunião em coletâneas, a partir de textos selecionados, seja pelo próprio autor, seja por mãos de terceiros. O livro garante assim, a permanência do texto, conferindo-lhe um caráter mais duradouro, visto que, dessa forma, já não está condenado a perecer junto ao jornal. Muitos textos, escritos há bastante tempo, ainda continuam dialogando com a sociedade atual, muitas vezes por tratarem de assuntos que não estão condicionados somente à notícia em si, e também por tratarem de certas coisas, insistem em não mudar. Poder-se-ia citar inúmeros exemplos de textos dos mais variados autores, escritos nas mais diferentes



décadas para ilustrar essa realidade. No entanto, como o presente artigo procura tratar das crônicas de Luis Fernando Verissimo, a seguir, pode-se observar no texto “Fator FDP”, escrito em 18 de janeiro de 1995, como está devidamente marcada essa característica.

Ao tratar do assunto da intervenção policial no Rio de Janeiro, a crônica mostra que de lá para cá, pouca coisa mudou em relação ao abuso de autoridade por parte daqueles que deveriam garantir a segurança da população. Mesmo hoje, quase oito anos após ter sido escrito, se o texto fosse publicado em qualquer jornal do país, não perderia sua validade. Basta ver o quanto os noticiários estão cheios de manchetes que a todo momento denunciam o uso de violência por parte dos policiais e que pouco tem sido feito em relação ao problema, já tão antigo. Segue um trecho:

Não se pode fazer omelete sem quebrar ovos’ é ‘o fim justifica os meios’ transformado em receita. (...) Há FDPs em todos os grupos humanos. Eles se caracterizam pela maldade gratuita, pelo chute a mais. No futebol existe uma diferença, às vezes tênue, entre a “falta necessária” e a “falta desnecessária” que o juiz flagra ou não flagra, mas que expõe o FDP a um julgamento instantâneo. O pior FDP é o que anda armado e tem a lei do seu lado, ou pelo menos às suas costas. Você já o viu em ação. Raras vezes o viu punido. É o policial que bate quando o manifestante já está dominado. O militar que se aproveita do poder para exercer sua prepotência, ou o seu gosto em quebrar ovos. As forças armadas e policiais brasileiros têm um péssimo retrospecto quando se trata de controlar, ou mesmo reconhecer, seus FDPs. Os reconhecem e justificam. Existem teorias de contra-insurgência que defendem o terror como instrumento, a ameaça do excesso como métodos e portanto o FDP como um boçal necessário. E muitos FDPs hoje podem se convencer de que não estavam fazendo outra coisa nas salas de tortura, durante a longa noite dos generais, senão uma omelete redentora (...) (VERISSIMO, 1997, p. 28)

Nesse contexto, a crônica suscita a reflexão acerca do fato ocorrido, alertando para que as coisas não sejam vistas como normais, uma vez que o “você já o viu em ação” leva a crer que fatos como esse parecem ser absolutamente comuns de acontecer. E ainda há o agravante de que o cidadão “raras vezes o viu punido”, o que demonstra outra incoerência na sociedade, e leva ao questionamento: Por que aqueles que abusam do poder, seja ele político ou militar, jamais são punidos por seus atos, enquanto que um manifestante que sai às ruas em defesa aos seus direitos é duramente reprimido? Dessa forma, a crônica, mesmo depois de ser desvinculada do jornal e fazendo parte de



um livro, ainda continua mais viva do que nunca. Nesse sentido, Marcelo Coelho afirma que “o propósito da crônica é fixar um ponto de vista individual, externo aos fatos, externo ao próprio jornal. Daí a crônica ser feita também com a intenção de ser publicada em livro depois” (MENEZES in CASTRO e GALENO, 2002, p.157)

A linguagem da crônica também lhe atribui certas particularidades. Como os acontecimentos são muito rápidos o cronista necessita de uma sintaxe mais leve e solta, mais próximo da conversa que de um texto em linguagem escrita. Segundo Jorge de Sá “há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, as recriado” (SÁ, 1987, p.11). Ao recriar os fatos, a crônica absorve todas as características que o autor lhe atribui, o que caracteriza os diversos estilos de texto que encontram-se por aí em jornais, revistas, e livros e etc. podendo conter toda a carga poética dos textos de Carlos Drummond de Andrade, bem como todo o humor de Millôr Fernandes, por exemplo. No presente trabalho, o que tem maior relevância, e o que será estudado com maior profundidade, é, justamente, o aspecto cômico da crônica. Daí a opção por Luis Fernando Verissimo, autor consagrado por seus textos de humor.

A crônica trata de fatos cotidianos, muitas vezes, sob a forma de um breve comentário da situação ou do acontecimento, mas pode, também, ser estruturada em pequenas histórias, na maioria das vezes fictícias, com personagens igualmente fictícios para representarem um fato ou uma situação sobre a qual o cronista queira tratar. O olhar do cronista deve ser capaz de explorar os mínimos detalhes de uma situação, para que ressurgam aos olhos dos leitores em forma de texto. Desse modo, Sá afirma que “a busca do pitoresco permite ao cronista captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições na sociedade (SÁ, 1987, p. 23). Nas coletâneas de Verissimo, os textos são predominantemente em forma de histórias, e o autor recria, sempre se valendo do humor, situações corriqueiras, gafes, tipos, manias, defeitos e compulsões que fazem parte da realidade da sociedade brasileira. É nesse sentido que se percebe a função crítica da crônica, uma vez que chama a atenção para aquilo que muitas vezes é contraditório, mas que poderia passar despercebido, não fosse um olhar mais atento e apurado.



2. O humor: Porque rir é o melhor remédio

O riso sempre esteve presente no cotidiano das pessoas, seja nas piadas contadas entre amigos, seja em determinada situação engraçada, ou às vezes nem tanto, vivida por uma pessoa, e que foi motivo de sarro para outras. De todos os animais, somente o homem, ri, e fora o riso espontâneo das crianças, para citar Paes em Konzen, “a capacidade de rir está ligada intimamente à capacidade de pensar, privativa do homem, único animal racional” (PAES, 1993 apud KONZEN, 2002, p.47). Ou seja, o homem não só é capaz de rir, como também é o único com condições de tomar consciência de porquê o faz. Assim, é capaz de rir, até mesmo das próprias mazelas, sempre encontrando um jeito bem humorado para lidar os as mais difíceis situações. O riso funcionaria como uma espécie de contra ponto ao que está acontecendo. Uma forma de se dizer que algo não deveria ser de determinada forma, e que de alguma maneira, fugiu à normalidade, senão, não haveria motivo para rir.

De acordo com o dicionário de filosofia Abbagnano, cômico é “o que provoca o riso, ou a possibilidade de provocá-lo, através da resolução imprevista de uma tensão ou de um conflito” (ABBAGNANO, 2000, p. 153-154). E ainda traz que a definição mais antiga do cômico é de Aristóteles, em sua poética, onde o considera “algo de errado e feio que não causa dor nem dano”, apresentando o “errado” como o imprevisto, irracionalmente, da solução apresentada pelo cômico para um conflito ou uma situação de tensão. (ABBAGNANO, 2000, p. 154).

Concetta d’Angeli e Guido Paduano, em sua obra *O Cômico*, atribuem ao cômico, duas funções: A primeira é a função moralística, de “denunciar vícios, comportamentos reprováveis, desvios de ordem que o sistema social estabelece como valor inquestionável e, de tal forma, preparar explícita ou implicitamente sua repressão ou correção”, e outra, que seria a repressiva tradicional, teria a função de “obrigar à inadequação, por estupidez ou loucura, a compartilhar dos pressupostos e das coordenadas mentais do grupo” (D’ANGELI; PADUANO, 2007, pp.9-10).

A partir dessas definições, pode-se entender, que tudo o que foge à regra é suscetível de riso. E o riso aparece como uma espécie de corretivo à determinada situação, que não se enquadra aos padrões previamente convencionados. Nesse sentido, parece haver uma ordem natural das coisas, que deve ser respeitada. Todas as sociedades, independentemente do seu modo de vida, ou da época do seu apogeu, têm códigos próprios de valores morais e éticos, que determinam ou visariam determinar o



comportamento dos indivíduos que dela fazem parte. Quando um indivíduo se desvia desses moldes, passa a ser motivo de piada para os demais. Esse pode ser apontado como um dos motivos porque existem tantas anedotas a respeito de diferentes etnias, credos, opção sexual, desvios da moral como infidelidade no casamento, promiscuidade, e um sem número de outros exemplos. O riso estaria agindo como uma espécie de agente repressor, que ao fazer rir, também alerta para o fato de que algo fugiu à situação de normalidade. E ainda como um fator que levasse o(s) indivíduo(s) a se enquadrar(em) em conceitos pré-determinados pelo meio onde vive, uma vez que em qualquer sociedade os indivíduos exercem pressões uns sobre os outros, de modo formal ou informal, justamente para que haja um conformismo com os padrões de comportamento considerados apropriados, corretos e convenientes. Para as repressões formais existem, por exemplo, as leis, as regras, que, caso não sejam respeitadas, invariavelmente acarretam em uma punição, de maior ou menor grau, dependendo de que fator foi desrespeitado. Informalmente, há as pressões psicológicas sofridas pelos indivíduos dentro próprio grupo ao qual fazem parte; cobranças e expectativas que precisam constantemente ser satisfeitas, como ótimos desempenhos escolares, carreira promissora, família estruturada, casamentos perfeitos, etc.

Para o antropólogo George P. Murdock, estando o indivíduo ciente de seus deveres, e tendo absorvido em certo grau os estereótipos, este ficaria apto a também exercer pressão sobre os demais integrantes do meio ao qual participa dentro das mais variadas situações sociais. Desse modo, acabaria tornando-se possuidor de expectativas seguras quanto às possíveis respostas de outros ao seu próprio comportamento, e passaria a exigir respostas de acordo com as suas próprias expectativas. Isto também lhe pouparia uma grande quantidade de aprendizagem individual, que sempre constitui um processo laborioso. Por isso é que as sociedades dão grande importância para o conformismo social (SHAPIRO, 1966, p.293).

Os textos humorísticos exploram os mais diversos aspectos, e vinculam por detrás dos enunciados uma mensagem que não salta às vistas do leitor logo de cara, é preciso uma leitura mais aprofundada para não cair no engano de perceber somente o que está sendo dito ao pé da letra. Para Possenti, “provavelmente todas as piadas veiculam, além do sentido mais apreensível, uma ideologia, isto é, um discurso de mais difícil acesso ao leitor (POSSENTI, 2002, p. 38). É nesse discurso que está implícito que as críticas, mascaradas pelo humor, se escondem. Nem sempre os textos visam



propor uma solução para os diversos problemas abordados, mas sim, suscitar a reflexão e o olhar crítico do leitor para a realidade na qual está inserido.

Dentro da sociedade o cômico exerce um papel moralizante, de reprimenda ao que não segue as normas, ao que se desvia dos princípios básicos de comportamento, e não supre as expectativas dos demais indivíduos que compõem o quadro social.

Confia-se ao cômico uma função moral precisa e útil dentro da sociedade: com o riso na verdade reagimos a qualquer rigidez individual (do caráter, do espírito e mesmo do corpo) vista como sinal de uma atividade que se adormece ou se isola. O riso surge, portanto, como um corretivo que reprime a excentricidade, mantém em contato as inteligências e as atividades, torna flexíveis os movimentos mecânicos e inertes visíveis na superfície do sistema social. (D'ANGELI, PADUANO, 2007, p. 276).

O bom cronista vive em meio a uma constante busca do inusitado, do incomum, daquilo que o leve a captar o lado engraçado das coisas. Dessa forma faz do riso uma forma de examinar determinadas contradições na sociedade, levando o leitor a adentrar no intrincado complexo social de que faz parte. Os textos de Verissimo, valendo-se da comicidade crítica, muitas vezes caracterizam-se como instrumentos para exteriorizar os conflitos políticos, sociais e ideológicos presentes no cotidiano das relações humanas. E são essas disparidades que serão evidenciadas a partir de agora.

3. A verdade por detrás do riso: Seria cômico se não fosse trágico

Um dos grandes trunfos de Luis Fernando Verissimo é, justamente, tratar de situações muito comuns do dia-a-dia das pessoas. Em suas crônicas aparecem os mais variados temas sob os mais variados enfoques, onde personagens comuns vivenciam cenas do cotidiano que são familiares aos olhos da grande maioria das pessoas, senão por tê-las vivenciado ao menos por delas ter ouvido falar. Através de diálogos leves e marcadamente irônicos, Verissimo nos oferece uma visão crítica das muitas situações que envolvem o cotidiano.



Em seus textos, denuncia padrões sociais pré-estabelecidos que muitas vezes limitam o indivíduo enquanto ser detentor de vontade própria. Dessa forma o que acaba ocorrendo é uma alienação, uma vez que, sem o questionamento, simplesmente o indivíduo passa a aceitar tudo o que lhe é imposto, sem direito a contestação. Ao narrar fatos de que certamente já ouvimos falar, há entre o autor e o leitor uma certa cumplicidade, porque à certa altura o cronista consegue mergulhar o leitor para dentro do texto. Para Fiorin, o simples ato de comunicar concentra em si a finalidade de agir sobre o mundo:

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber. (FIORIN, 2004, p.75)

Para a AD, a interpretação através do modo como trabalha desloca-se de uma perspectiva sociológica de ideologia para uma outra perspectiva (Orlandi, 2006). Tendo em vista que o discurso não é transparente e através da pergunta “o que esse discurso quer dizer?”, pode-se descobrir “verdadeiros” sentidos que estariam escondidos no texto.

Na crônica “Segurança”, pode-se evidenciar esse fato, uma vez que, uma leitura que vise buscar o discurso por detrás do discurso, demonstra que o texto pode ser lido de outra maneira. A crônica trata do caso de alienação dos moradores de um “condomínio de segurança máxima”, onde por meio do exagero e da ironia, recursos comumente utilizados pelos cronistas, Verissimo chama a atenção para o fato de que cada vez mais as pessoas estão “presas” dentro de casa por conta da violência. Neste caso, o termo “presas” funciona de modo literal, visto que as casas aos poucos vão assumindo características dos mais modernos presídios de segurança máxima, privando seus moradores do direito de ir e vir a que tem direito qualquer cidadão de bem. Por meio de medidas que visam, tão somente, a proteção das pessoas, aos poucos as casas vão tornando-se verdadeiras fortalezas, de onde não se pode nem entrar nem sair sem a devida autorização, e mesmo assim, não sem rigorosa inspeção. Esses processos caracterizam os mesmos procedimentos adotados nos atuais presídios do mundo inteiro,



e em que, em alguns casos, nem chegam a ter tanto controle como os apartamentos criados no texto. Segue:

Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados. Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas. Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês. Mas os assaltos continuaram. Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar. Mas os assaltos continuaram. Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas. Todas as janelas foram engradadas. Mas os assaltos continuaram. Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. (VERISSIMO, 2001, pp. 97-98)

Obviamente que toda a casa precisa de um mínimo de segurança, e muro alto, guardas e um circuito interno de TV, são recursos muito corriqueiros hoje em dia, em muitas residências, mas ao aplicar, através do exagero, elementos como torres com guardas, visitantes sendo obrigados a usar crachá, inclusive os bebês, que logicamente, mesmo que quisessem não têm condições de efetuar um assalto, um batalhão de guardas com ordem de “atirar para matar”, e rigoroso controle de saída, tem-se aqui a inversão dos valores dentro de uma sociedade. Nesse contexto o cidadão trabalhador é obrigado a viver como um criminoso sem poder sair de casa, visto que se sair corre o risco de ser assaltado, ou ser vítima de algum outro tipo de violência.

Outro fator interessante é que mesmo com todos os esquemas de segurança os assaltos ainda assim continuam o que reflete uma triste realidade onde as pessoas parecem jamais estar seguras, mesmo que morem praticamente em um presídio. Visto que, todas as medidas já adotadas até então ainda assim não são suficientes, o único recurso viável é aumentar ainda mais a segurança:



Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos. E ninguém pode sair. Agora, a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua. Mas surgiu outro problema. As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade. A guarda tem sido obrigada a agir com energia. (VERISSIMO, 2001, pp. 98-99)

Ironicamente, o único modo de se conseguir a tão almejada segurança é o cidadão não sair de sua residência, trocando de lugar com os criminosos que “passam pela calçada”. Outro aspecto que chama a atenção do leitor é que ao final da crônica ocorre uma total inversão de papéis entre bandido e cidadão de bem. Enquanto que a casa do indivíduo que apenas deseja segurança e tranquilidade acaba tornando-se um local de clausura, o criminoso anda livremente pelas calçadas. E mais, inconformados com o recolhimento, os moradores dos condomínios começam a organizar tentativas de fuga, obrigando a guarda contratada por eles próprios a agir com “energia”, ou seja, evitar que “fujam” de suas próprias casas.

4. Conclusão

As crônicas de Verissimo, apesar de serem histórias criadas e que não correspondem a situações factuais, no entanto, não se afastam da realidade. Para Fiorin “as visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem. As idéias e, por conseguinte, os discursos são expressão da vida real. A realidade exprimi-se pelos discursos” (FIORIN, 2004, p.33). Verissimo vai além do que é meramente factual, pois quando o que se mostra é o que está à vista de todos não há ganho nenhum em relação ao que já é fato, quando de uma leitura mais aprofundada de seus textos pode-se perceber que o dito sempre pode ser lido de outra maneira, uma vez. O cronista deve ir além do que os olhos podem ver. Para que se apreenda toda a significação da crônica é preciso que seja



lida criticamente buscando perceber o que por trás dela se esconde. Para Rogério Menezes: “A crônica (...) também se apropria da realidade do cotidiano como o jornalismo factual, mas procura ir além e mostrar o que está por trás das aparências, o que o senso comum não vê (ou não quer ver) (Menezes, 2002, p.165)

Ao destacar as contrariedades presentes na sociedade, o autor procura chamar a atenção para a necessidade de que é preciso estar sempre alerta ao que se passa ao redor, sempre mantendo um olhar crítico sobre as mais variadas situações. Dessa forma o leitor acaba desenvolvendo um olhar crítico-reflexivo que o capacita a pensar a realidade de outra forma que não somente a que pode ser percebida em uma primeira instância.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi, revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

D'ANGELI, Concetta; PADUANO Guido Paduano. **O Cômico**. tradução de Caetano Waldrigues Galindo. Curitiba: UFPR, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2004.

KONZEN, Paulo Cezar. **Ensaio sobre a arte da palavra**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: CASTRO, G. de e GALENO, A. (orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli ; LAGAZZI, Rodrigues Lores. **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade**. Campinas, pontes, 2006.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

SHAPIRO, Harry L. **Homem, cultura e sociedade**. São Paulo. Fundo de cultura, 1966.

VERISSIMO, Luis Fernando. **A versão dos afogados: Novas comédias da vida pública**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

_____. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001